

PREVENÇÃO E ATENÇÃO À VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR E DE GÊNERO

APOIO ÀS
LIDERANÇAS
COMUNITÁRIAS



A partir da experiência com inúmeras famílias acompanhadas, e sabendo que, após episódios de violência dentro de casa, as pessoas envolvidas recorrem a parentes, amigos ou membros de sua comunidade para pedir ajuda ou conselhos, a equipe do Instituto Noos se propôs a compartilhar conhecimentos sobre o tema para que a sociedade consiga lidar com este desafio.



Essa ideia tomou a forma do projeto **Paz em casa, paz no mundo**, que, apoiado pela **BrazilFoundation**, realizou 80 oficinas de sensibilização sobre violência intrafamiliar e de gênero em 2007, atingindo 1.531 pessoas.



Neste ano de 2010, com o apoio da Avon ao **Paz em casa, paz no mundo**, e do Instituto Avon, o Noos publica este material a fim de chegar ao maior número possível de pessoas da rede de relacionamentos da Avon, composta por mais de 1,1 milhão de revendedores autônomos, ampliando a possibilidade de mais pessoas entrarem em contato com os diversos aspectos da violência intrafamiliar e, assim, ajudar a erradicá-la.



Desejamos que nossas ideias contribuam para que cada leitor construa seus próprios pensamentos e iniciativas sobre a violência intrafamiliar e de gênero e que as pessoas ao seu redor possam ser beneficiadas por suas ações.

EXPEDIENTE

AUTORIA E INICIATIVA

Instituto Noos

REDAÇÃO

Carla Tolentino C. Castro

Carlos Eduardo Zuma

Cynthia Ozon Boghossian

Irene Loewenstein

Jorge Bergallo

ILUSTRAÇÃO

Adilson Junior

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P944

Prevenção e atenção à violência intrafamiliar e de gênero : apoio às lideranças comunitárias / Instituto Noos. - Rio de Janeiro : Instituto Noos, 2010.

il.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-86132-16-2

1. Violência familiar. 2. Violência contra a mulher. 3. Violência - aspectos psicológicos.
4. Violência - Brasil - Prevenção.

10-5902.

CDD: 306.85

CDU: 316.812





SUMÁRIO

Introdução	7
Nossa forma de ver o mundo: visão sistêmica	10
Violência	14
Poder	22
Gênero	26
Violência de gênero	30
Violência contra crianças, adolescentes e idosos	38
Rede	50
Como ajudar vítimas de uma situação de violência intrafamiliar?	56
Campanhas relacionadas	64
Telefones úteis	66

INTRODUÇÃO

O Instituto Noos é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1994, na cidade do Rio de Janeiro. Tem como missão contribuir para a promoção da saúde das relações familiares e comunitárias da população brasileira, através da difusão de práticas sociais sistêmicas, a partir dos resultados obtidos em seu centro de ensino, pesquisa e atendimento. Dentre as diversas ações desenvolvidas pela instituição, destacam-se aquelas destinadas à prevenção da violência intrafamiliar e de gênero, tais como:

- atendimento a casais e famílias que vivem situações de violência;
- grupos reflexivos de gênero com homens;
- grupos reflexivos de gênero com mulheres;
- incentivo à formação de redes comunitárias de apoio a famílias;
- cursos e palestras de sensibilização;
- promoção de campanhas;
- desenvolvimento de pesquisas.

A partir da experiência com inúmeras famílias já ouvidas e acompanhadas, sabemos que, após os episódios de violência dentro de casa, as pessoas envolvidas recorrem primeiro à sua rede social mais próxima – parentes, amigos ou membros significativos de sua comunidade – para pedir ajuda ou solicitar conselhos sobre como lidar com a situação. Só depois procuram ajuda nos serviços públicos.

A equipe do Instituto Noos se propôs, a partir de uma visão de mundo sistêmica, a compartilhar conhecimentos sobre temas como **violência**, **conflitos familiares**, **recursos pessoais**, **relacionais** e **sociais** para lidar com o problema da violência. Imaginando que, ao informar e sensibilizar pessoas

significativas, pessoas de referência na vida de outras pessoas de uma comunidade, estará contribuindo para viabilizar ou agilizar o processo de ajuda necessária às famílias, ou a alguns de seus membros, na busca pela realização do direito a uma vida livre de violência.

Essa ideia tomou a forma do projeto **Paz em casa, paz no mundo**, que, apoiado pela **BrazilFoundation**, entre os anos de 2006 e 2007, realizou 80 oficinas de sensibilização sobre a problemática da violência intrafamiliar e de gênero em 2007, atingindo um total de 1.531 pessoas de locais e instituições bastante variados. Foi organizado, ainda, um curso para 11 líderes comunitários, para que eles se tornassem Agentes de Prevenção da Violência Intrafamiliar e de Gênero em suas comunidades.

Elaboramos esta cartilha para possibilitar que um número maior de pessoas se beneficie com o conteúdo do curso, que brotou de nossa prática e pesquisa. Neste ano de 2010, contamos com o apoio da Avon na continuidade do projeto e para a finalização desta cartilha. Nela, trazemos, numa linguagem simples e direta, reflexões e recursos para apoiar o trabalho de agentes de prevenção de violência intrafamiliar nas comunidades. Nela encontram-se questões e sugestões que poderão ser utilizadas como recursos para realizar encontros e oficinas sobre o tema.

Desejamos que nossas ideias possam contribuir para que cada leitor construa seus próprios pensamentos e iniciativas sobre a violência intrafamiliar e de gênero e que as pessoas ao seu redor possam ser beneficiadas por suas ações.



NOSSA FORMA DE VER O MUNDO: VISÃO SISTÊMICA



A RATOEIRA (autor desconhecido)

Um ratinho vivia tranquilamente em uma fazenda sem ser incomodado. Às vezes, conseguia entrar no depósito da fazenda e mordiscar os queijos que a mulher do fazendeiro fazia. Um dia, olhando pelo buraco na parede, vê o fazendeiro e sua esposa abrindo um pacote. Pensou logo no tipo de queijo que poderia haver ali e, ao descobrir que era uma ratoeira, ficou aterrorizado. Correu para o pátio da fazenda advertindo todos:

– Há uma ratoeira na casa! Há uma ratoeira na casa!

A galinha disse:

– Desculpe, sr. Rato, eu entendo que isso seja um grande problema para o senhor, mas isso não me prejudica em nada; logo, não me incomoda.

O rato, preocupado, foi até o porco e disse-lhe:

– Senhor Porco, há uma ratoeira na casa! O que vamos fazer?

– Desculpe, sr. Rato – disse o porco –, mas não há nada que eu possa fazer a não ser rezar pelo senhor. Fique tranquilo que o senhor será lembrado nas minhas preces.

O rato, muito nervoso, dirigiu-se, então, para a vaca. Ela lhe disse:

– O quê, sr. Rato? Uma ratoeira? Por acaso estou em perigo?
Acho que não... Isso não é problema meu!

Então o rato voltou para a casa, cabisbaixo e abatido, para encarar a ratoeira do fazendeiro. Naquela noite, ouviu-se um barulho, como o de uma ratoeira pegando sua vítima. A mulher do fazendeiro correu para ver. No escuro, ela não viu que a ratoeira havia pegado a cauda de uma cobra venenosa, e a cobra picou a mulher.

O fazendeiro levou-a imediatamente para o hospital. Depois dos primeiros socorros, ela voltou com muita febre para a fazenda. Todo mundo sabe que para alimentar alguém com febre, nada melhor que uma canja de galinha. O fazendeiro pegou seu cutelo e foi providenciar o ingrediente principal: a galinha... Os amigos do casal, sabendo do ocorrido, foram até a fazenda visitá-los. Para alimentá-los, o fazendeiro matou o porco. Infelizmente, a mulher piorou e acabou morrendo. Como o casal era muito conhecido, muita gente veio para o velório. O fazendeiro, então, sacrificou a vaca para alimentar todo aquele povo.

Assim, na próxima vez que você ouvir dizer que alguém está diante de um problema e acreditar que ele não lhe diz respeito, lembre-se de que uma pequena ratoeira fez com que todos os animais daquela fazenda corressem perigo. Resumindo: o problema de um pode ser de todos.

Como essa história ilustra, a visão sistêmica acredita que todas as coisas estão conectadas entre si (pessoas, animais, acontecimentos), tudo está ligado a tudo, mesmo quando essas conexões não parecem tão óbvias para nós. Nessa forma de ver o mundo, estamos o tempo todo influenciando e sendo influenciados por tudo e todos ao nosso redor.

Muitos fatores influenciam a forma de uma pessoa pensar e agir na vida, como a educação que recebeu de sua família¹, suas experiências, a época e o local onde foi criada, onde mora, seus amigos, sua idade e sua religião.

Assim, durante a vida, cada um de nós perceberá, sentirá e agirá de uma maneira muito particular, a partir da sua relação com o mundo ao seu redor e com suas próprias experiências. É dessa forma que cada um vai construindo seu ponto de vista, sua verdade, como se fossem óculos.

¹ Entendemos por família aquelas pessoas com quem contamos, sem necessariamente possuir laços consanguíneos. Ficam, assim, incluídas todas as diferentes configurações ou arranjos possíveis de família.

A visão sistêmica é também uma dessas formas de ver e compreender o mundo e a vida das pessoas. Cada situação é vivida de maneira diferente por cada um. Por isso, não acreditamos em uma única forma de agir, pensar e fazer.

Quando a gente tem um problema, o problema é sempre de todos, todos estão implicados... Nenhum de nós determina sozinho o que vai acontecer, mas uma pequena ação nossa provoca mudança na nossa vizinhança.





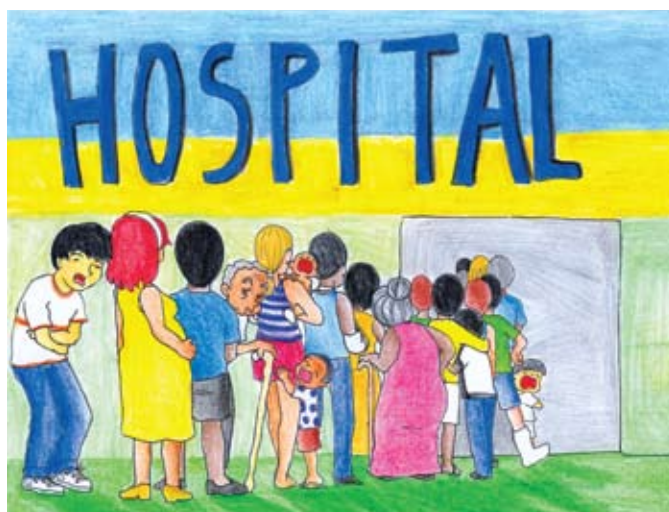
VIOLÊNCIA

Você já parou para pensar que há inúmeras situações a que chamamos de violência?





A violência tem sido um tema bastante estudado e é definida de várias formas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) a define como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002).





SUGESTÃO

Discuta em grupo a definição.

**Que outros exemplos de violência
você percebe em seu dia a dia?**



Nesta cartilha, vamos tratar da violência intrafamiliar, aquela que se dá nas relações entre pessoas da família. Esse tipo de violência pode tomar diferentes formas, como a violência física, psicológica, sexual ou a negligência.

Em geral, numa mesma família, podem ocorrer diferentes tipos de violência.

Acontecem com mais frequência:

- entre parceiros íntimos
(namorados, casais hetero ou homossexuais, ex-namorados, ex-cônjuges);
- contra crianças e adolescentes;
- contra idosos.



A pessoa pode ser vítima e/ou autora de violência, dependendo da situação ou da relação em que se encontre.



ATENÇÃO







ATO E PROCESSO

Os desenhos anteriores mostram ATOS de violência.

Até que cada ato ocorra, muitas vezes houve um longo caminho não percebido por nós. O ato violento é o resultado de um PROCESSO que foi sendo construído na relação entre as pessoas envolvidas.


É muito importante tentar compreender esse processo para prevenir e evitar o ato violento de forma mais eficaz.

Em que eu contribuo para que a violência aconteça? **Em que eu contribuo para a situação de violência em que vivo?**

PARA REFLETIR

PODER





O tempo todo vivemos em relações de poder que podem ou não ser exercidas de forma violenta. Pense nas relações entre pais e filhos, professores e alunos, governantes e cidadãos. Elas estão voltadas para a organização da sociedade e deveriam contribuir para o bem-estar de todos. No entanto, nem sempre isso acontece.

Muitas vezes, as relações de poder são utilizadas para dominação, exploração e exclusão. Nas situações em que pessoas ou grupos estão submetidos a essas formas de violência, eles têm seu jeito de ser e de pensar anulados, seus desejos e direitos desrespeitados. Suas necessidades são desconsideradas e há a imposição de um jeito único de ser, de agir e de se relacionar.

Muitas situações de violência acontecem porque algumas pessoas acreditam que são melhores que as outras. Elas acham que têm mais poder e levam as outras pessoas a crer nisso. Assim, quando não são obedecidas, se acham no direito de fazer qualquer coisa – agredir, xingar, desvalorizar e até matar – para fazer valer sua vontade ou aquilo que acreditam ser o certo.

Os conflitos fazem parte da vida, já que somos diferentes uns dos outros. Muitos acreditam que a violência é a única forma de resolvê-los. No entanto, temos como lidar com os conflitos de forma pacífica. A violência acontece na impossibilidade de convivermos com pontos de vista diferentes e de respeitá-los. Lidar com os conflitos de forma pacífica exige de nós o exercício de inclusão e aceitação de pontos de vista diferentes.

Pensando na violência dentro da família, percebemos que, muitas vezes, a pessoa definida como aquela “de maior poder” acha que agir com violência é o melhor a ser feito, uma forma de educar, acha até que é um “direito” seu.

Isso pode ser visto em diversas relações em nossa sociedade: ricos em relação aos mais pobres; brancos em relação a negros; adultos em relação a jovens, crianças e idosos; homens em relação a mulheres, dentre outras.

PARA REFLETIR



Você percebe a existência dessas **relações de poder** no seu dia a dia?
Como você se comporta nessas relações?
Como podemos ajudar a mudar essa **forma de pensar e agir?**

Muitas vezes reproduzimos automaticamente músicas, propagandas, piadas, ditados populares e atos que passam de geração para geração e **reforçam** essas **relações violentas de poder**.
Identifique-os e discuta em grupo.

SUGESTÃO





An abstract graphic consisting of a complex network of white lines and dots on a blue gradient background. The lines are thin and curved, connecting various nodes of different sizes. Some nodes are larger and more prominent, while others are smaller and less visible. The overall effect is that of a dynamic, interconnected system.

GÊNERO

HOMEM QUE É HOMEM...

“...não chora...

...tem que dar no couro...

...tem que botar dinheiro em casa...

...não leva desaforo pra casa.”



MULHER QUE É MULHER...

“...senta de perna fechada...
 ...anda na linha...
 ...não fica na rua...
 ...serve seu marido, é mãe...
 ...dá conta de tudo.”



PARA REFLETIR

Você já ouviu alguém dizendo: “Chorar é coisa de mulherzinha”, “Quem chora é fraco”? Alguém já disse isso para você? O que você acha disso? Você acha que homem sente dor? Como ele expressa sua dor? Existe diferença na maneira como você educa seu filho ou sua filha? Quais? Por quê?

Me ensinaram que
isso é ser mulher.



Nós nascemos com o sexo feminino ou masculino, mas a maneira de ser mulher ou homem depende de como fomos educados, da época, do lugar onde vivemos e dos costumes da nossa família. Ser homem e ser mulher atualmente, no Rio de Janeiro, por exemplo, não é o mesmo que na época de nossos avós ou numa cidade do interior do Brasil. Em cada uma dessas épocas e lugares, a sociedade espera comportamentos diferentes dos homens e das mulheres e essa expectativa pode ser chamada de gênero. Ou seja, o que faz de nós homens e mulheres não vem definido quando nascemos, é fruto de nossas relações sociais.

Me ensinaram que
isso é ser homem.




Mas será que
pode ser diferente?



VIOLÊNCIA DE GÊNERO





As diferenças entre homens e mulheres muitas vezes não são vistas só como diferenças, mas como um tendo mais valor ou importância do que o outro. Isso faz com que muitos homens e mulheres sintam-se no direito de exercer diferentes formas de violência para impor suas opiniões e decisões. Até hoje, na nossa cultura patriarcal e machista, se espera que os homens sejam fortes, sustentem a família e resolvam problemas. Das mulheres, espera-se que sejam carinhosas, cuidadoras, delicadas, compreensivas, donas de casa e que acatem as decisões dos seus pais ou maridos. Todas as vezes que se comete uma violência porque uma dessas expectativas não foi cumprida, a chamamos de violência de gênero. Ela acontece não apenas no âmbito da família, mas em toda a sociedade.

A violência de gênero, portanto, não é só violência contra as mulheres. Quando um menino apanha porque os pais o encontram brincando de casinha com uma amiguinha, isso também é violência de gênero.

LEI MARIA DA PENHA

A Lei nº 11.340/06, denominada Lei Maria da Penha, que entrou em vigor em 7 de agosto de 2006, representa um grande avanço no direito das mulheres e uma conquista para toda a sociedade.

Essa lei cria e estabelece mecanismos para impedir a violência doméstica e familiar contra as mulheres e aponta novos mecanismos de proteção que possibilitam um maior encorajamento das mulheres para denunciar as agressões e outros tipos de violência sofrido por elas. As penas que puniam os autores de violência com multas ou cestas básicas foram extintas. Dependendo do caso, o autor pode ser proibido de se aproximar da mulher e dos filhos. As vítimas podem reaver seus bens e cancelar procurações feitas para o autor da violência. Para o caso de detenção, a pena triplica: a punição que ia de seis meses a um ano pode chegar a três anos. O combate à violência não se restringe a tornar mais severas as medidas contra os autores dela. A lei também estabelece medidas de assistência social, como a inclusão da mulher em situação de risco no cadastro de programas assistenciais dos governos federal, estadual e municipal, e prevê a participação dos autores de violência em programas de recuperação e reeducação. Também inclui informações básicas sobre o tema “violência contra a mulher” nos conteúdos escolares.

É importante conhecer e divulgar a Lei Maria da Penha!

A DIFICULDADE EM ROMPER COM A SITUAÇÃO

Muitas vezes, na tentativa de explicar por que muitas mulheres que apanham de seus maridos não se separam deles, diz-se que elas são como “mulher de malandro”, que “gostam de apanhar”. Essa “explicação” fere ainda mais as já sofridas mulheres, passa longe das razões que fazem com que permaneçam nessas relações e em nada contribui para ajudar a solucionar a situação.

A permanência de uma mulher junto a seu marido não pode ser explicada de uma única forma. Ela pode se dar por uma situação de dependência econômica, na qual a mulher tem medo de passar necessidades com seus filhos ao resolver se separar. Pode ser explicada também pela dependência emocional, quando ela tem medo de não sobreviver emocionalmente longe do homem que escolheu para casar e constituir família, como se sua felicidade estivesse atrelada a ele somente.

Em outras situações, a mulher teme enfrentar o preconceito ainda existente em nossa sociedade em relação à mulher separada, que vive sem um homem em casa. Ou ainda, vive na teimosa esperança de que o homem irá mudar seu comportamento agressivo e voltará a ser o homem bom e carinhoso que a conquistou tempos atrás.

De qualquer forma, muitas mulheres olham para o homem que comete violência contra elas e veem mais do que seu comportamento agressivo. Esse olhar que reduz os homens a seus atos agressivos, sem vê-los com todas as suas características, é mais frequente em quem está de fora da situação. Muitos desses maridos são bons pais, são honestos, trabalhadores, mantêm bom relacionamento com suas famílias de origem, apesar da violência que estão cometendo. Olhar para esses homens com todas as suas características, ao mesmo tempo em que os responsabilizamos por seus atos, contribui para que a violência pare. É por esse motivo que os chamamos de autores de violência em vez de agressores.

A IMPORTÂNCIA DE REFLETIR JUNTO COM OUTRAS MULHERES E HOMENS

Como vimos, muitas situações de violência ocorrem pelo descumprimento das expectativas criadas em relação ao comportamento dos homens e das mulheres. Muitos homens que batem em suas mulheres dão como razão o fato de elas não o terem obedecido (expectativa de obediência) ou não terem preparado a comida na hora certa ou por terem deixado de cuidar da casa ou dos filhos (expectativa de que realizem tarefas domésticas) ou, ainda, por suspeitarem de traição (expectativa de fidelidade). Muitas mulheres agridem seus maridos ou namorados, física ou psicologicamente, por eles não terem trazido dinheiro para casa ou por terem deixado de comprar algum bem desejado ou necessário para a casa (expectativa de que sejam provedores) ou por não terem consertado algo em casa (expectativa de que sejam mantenedores) ou por não terem tomado uma atitude quando algum vizinho está incomodando (expectativa de proteção). Um caminho para prevenir essa forma de violência é promover reflexões sobre essas expectativas. Precisamos ter clareza sobre o que esperamos das pessoas com quem convivemos e poder falar sobre isso; ter curiosidade sobre o que os demais esperam de nós e poder confirmar ou não essas expectativas deles. Só assim construiremos um relacionamento mais harmonioso com quem convivemos.

Muitas iniciativas no sentido de rever expectativas sobre os papéis de homens e mulheres têm sido criadas. Uma metodologia utilizada tem sido a realização de Grupos Reflexivos de Gênero. Esses grupos são formados por homens ou por mulheres, jovens ou adultos, que já tenham ou não se envolvido em situações de violência, com o propósito de repensar como cada um construiu sua identidade como homens ou mulheres. A oportunidade desse repensar em conjunto pode abrir novas possibilidades de agir consigo mesmo e interagir com os outros.

ALGUMAS IDEIAS QUE SUSTENTAM A VIOLÊNCIA

Em briga de marido e mulher, não se mete a colher.

Ninguém de fora deve se meter nos problemas da família?

Ruim com ele, pior sem ele.

O casal deve manter-se unido a qualquer preço?

Só batendo!

Com esse daí, só assim. Esse garoto tá pedindo pra apanhar. É de pequenino que se torce o pepino.

Bater é uma forma eficaz de educar?

Ah! Quando o seu pai souber disso...

Somente os homens devem exercer o poder e a autoridade na família?

Ele pode não saber por que está batendo, mas ela sabe por que está apanhando.

Há justificativa para a violência?



PARA REFLETIR

É importante debater essas ideias, pensar em como elas influenciam as situações de violência e o que fazer para mudá-las.



ATENÇÃO

A criança que assiste a repetidas cenas de violência na família pode ficar amedrontada, quieta e isolada, ou mesmo agressiva, tendo problemas para aprender e para se relacionar com os outros. Essa também é uma forma de violência psicológica.

MITO

Existe uma crença de que a violência dentro da família acontece muito mais entre os pobres. Diversas pesquisas mostraram que ela acontece em todas as classes sociais. Nas situações de pobreza, os casos de violência acabam sendo mais visíveis, chegando mais vezes à polícia e aos centros de atenção.

Sempre apanhei muito.
Me educaram assim.
Hoje bato para ensinar.





PARA REFLETIR

Quem apanha está machucado: precisa de cuidado e proteção.

Quem presencia está assustado: precisa de acolhimento, falar com alguém.

Quem bate está descontrolado: precisa de controle, ser contido.

De que maneiras você pode ajudar?



ATENÇÃO

A violência é um comportamento aprendido, não é natural. É importante aprender e ensinar outras maneiras de resolver os conflitos.



VIOLÊNCIA
CONTRA CRIANÇAS,
ADOLESCENTES E IDOSOS

Você quebrou
meu prato!



Você quebrou
meu lápis!



Você bateu no
seu coleguinha!



PARA PENSAR...

Muitos pais acreditam que bater é a forma correta de educar e de garantir a sua autoridade. Muitas vezes o não saber o que fazer os leva a ter atitudes violentas. A palmada e outros castigos utilizados para isso tendem a ir “perdendo o efeito”, isto é, a criança acaba se “habituar” às surras e passa, gradativamente, a temer cada vez menos esse tipo de agressão. Para alcançar o mesmo resultado de antes, muitos pais começam a bater mais e mais forte.

As crianças e os adolescentes vítimas de violência física ficam machucados por dentro e por fora, perdem a confiança em seus pais ou responsáveis, e a distância entre eles vai aumentando. Todos sofrem.

Como podemos ajudá-los?

Os pais e responsáveis por crianças e adolescentes têm o dever de educar, de dar limites aos seus filhos, mas podem fazer isso sem utilizar castigos físicos ou humilhantes.



ATENÇÃO

Quando se bate em uma criança, ela aprende a bater também. É como educá-la para ser violenta. A criança entende que o caminho para solucionar os problemas é a força. E aprende que, quando sente raiva de alguém, pode bater.

Ele apanha de mim para não apanhar da vida!



ABUSO SEXUAL

Chama-se *abuso sexual* todo ato heterossexual ou homossexual em que o(a) autor(a) do abuso é mais velho(a) ou mais experiente que a criança ou o adolescente. Onde há intenção de estimulá-la(o) sexualmente ou utilizá-la(o) para obter satisfação sexual por meio de ameaças, indução de sua vontade, utilizando ou não a violência física. Pode variar desde atos em que não exista o contato sexual – como olhar o outro com desejo, no voyeurismo, ou exibir seu corpo ou órgão genital, no exibicionismo – até os diferentes tipos de ato sexual, com ou sem penetração.



MITO

Muitas pessoas acreditam que o(a) autor(a) do abuso é sempre alguém de fora, um estranho, uma figura amedrontadora.



ATENÇÃO

As crianças ou os adolescentes muitas vezes não falam do abuso por serem ameaçados ou se sentirem ameaçados. Eles têm medo de que possa acontecer algo ruim com eles ou com pessoas que amam, até mesmo com o(a) autor(a) do abuso, por quem podem ter sentimentos de amor e ódio. Eles também podem ter receio de separar/dividir a família.

Na maior parte das vezes, entre 75% e 85% dos casos, os(as) autores(as) de abusos sexuais são membros, amigos ou conhecidos da família da criança. O abuso ocorre, com frequência, dentro ou perto da casa da criança ou do(a) autor(a) do abuso.

Quando a criança fala de uma situação de abuso, é fundamental acreditar nela e ouvi-la com cuidado. A criança fala a partir da experiência que possui. É preciso entender qual é o contexto em que a criança vive para que ela diga o que está acontecendo.

Há casos em que uma pessoa sem experiência em cuidar de uma criança pequena, no banho ou na troca da fralda, pode machucá-la ou tocá-la de forma inapropriada. É necessário, nessa situação, que a pessoa seja informado(a) da maneira mais apropriada de fazer essa higiene.

ATENÇÃO



A criança nunca é responsável pelo abuso. É o adulto que a seduz com o uso de violência ou não. A criança pode se submeter por medo, por desejo de afeto ou mesmo porque não entende o que aquilo significa.



ATENÇÃO

O abuso pode acontecer de diversas formas, sempre como uma maneira de o adulto se satisfazer sexualmente usando uma criança ou adolescente. Ele acontece também ao expor a criança a cenas pornográficas, seja assistindo a um filme, seja em situações reais ou mesmo quando ouve conversas obscenas. Destacam-se também situações em que a criança é observada nua, forma de abuso chamada de voyeurismo.

A criança vítima de abuso sexual normalmente sente-se sozinha, culpada e ameaçada. Sente medo de que a família se separe ou de que o autor do abuso seja punido. Por isso, é comum crianças voltarem atrás depois de contar sobre o abuso.



POSSO AJUDAR?

O abuso sexual é uma situação muito delicada. Procurar proteger a criança é fundamental. Você pode pensar em como fazer isso? Com quem você pode contar na família, na comunidade ou fora dela?

POSSO AJUDAR...

Agindo com cautela, sem precipitações, cuidando para não expor desnecessariamente os envolvidos.



POSSO AJUDAR!!!

É importante procurar orientação e planejar a melhor forma de se aproximar da pessoa e da família.

NEGLIGÊNCIA

A família é o lugar em que a criança deve encontrar as condições necessárias para o seu desenvolvimento sadio: alimentação adequada, cuidados com higiene e saúde (ser levada aos serviços de saúde, tomar vacina e remédios receitados), proteção de situações de risco, do frio e do calor, segurança e afeto. Privar a criança do que ela necessita, quando isso é essencial ao seu desenvolvimento sadio, é chamado de negligência.





ATENÇÃO

A negligência quase sempre vem acompanhada de outras formas de violência. Muitas vezes, a falta de informação e as precárias condições de vida levam à negligência. Ela também pode acontecer por dificuldades de relacionamento na família e problemas emocionais dos responsáveis.

Às vezes, os responsáveis concentram em um único filho essa forma de violência. Tal situação pode estar ligada a não aceitação dos pais das formas inesperadas desse filho ser, de se comportar, de pensar e até estar relacionada à sua aparência física.

Por tudo isso, é preciso estar atento às diferentes situações para ajudar a família de forma eficaz. Qual a melhor forma de abordar o problema? Com quem conversar na família? Que rede articular? Para onde encaminhar?



DICAS

Procure observar a situação e pensar junto com a família sobre as formas possíveis de enfrentar as dificuldades. Pode ser necessário informar os responsáveis dos cuidados adequados e das necessidades das crianças e dos adolescentes, procurar envolver pessoas próximas da família, da comunidade e dos serviços públicos ou buscar ajuda especializada.



A notificação dos casos de violência aos órgãos responsáveis pela proteção de crianças e adolescentes é obrigatória por lei para profissionais da educação e da saúde (Estatuto da Criança e do Adolescente). Essa atitude também deve ser considerada por todos como um recurso importante de atuação nesses casos.

VIOLÊNCIA CONTRA IDOSOS

Nossa sociedade supervaloriza o jovem, sua beleza e força de trabalho. E, nessa mesma medida, desvaloriza o idoso, considerando-o ultrapassado e improdutivo. Isso, muitas vezes, promove uma desconsideração de suas opiniões, vontades e necessidades. Os tipos de violência intrafamiliar mais comuns contra os idosos são o abuso econômico, as agressões físicas e a negligência de cuidados e proteção por parte de seus familiares. O abuso econômico acontece, por exemplo, quando bens materiais do idoso são vendidos sem que ele concorde ou quando ele é forçado a assinar procurações para que tenham acesso à sua aposentadoria. Além disso, muitas vezes ele é obrigado a viver confinado ou isolado dentro da sua própria casa. Em geral, essas e outras formas de violência intrafamiliar contra o idoso acontecem quando há algum tipo de dependência entre ele e seus familiares, pouca comunicação e afeto, quando a família tem uma rede social precária e vive em isolamento.

Como resultado das situações de violência, os idosos podem sofrer de depressão, desligamento dos acontecimentos ao seu redor, isolamento do convívio social e doenças graves.

Encontrar um lugar para a participação do idoso na vida da família e na sociedade, valorizar sua experiência, considerar seu ponto de vista e dialogar são formas de prevenir a violência e promover o respeito mútuo.



REDE



Ninguém vive sozinho. Você já parou para olhar quem está mais próximo de você? Com quem você costuma contar para variadas situações do dia a dia, como conversar sobre problemas, se divertir, receber uma ajuda no cuidado com os filhos, trocar ideias e informações sobre saúde, um ombro para chorar ou pedir ajuda financeira? Pessoas e instituições com as quais você conta formam sua rede pessoal.

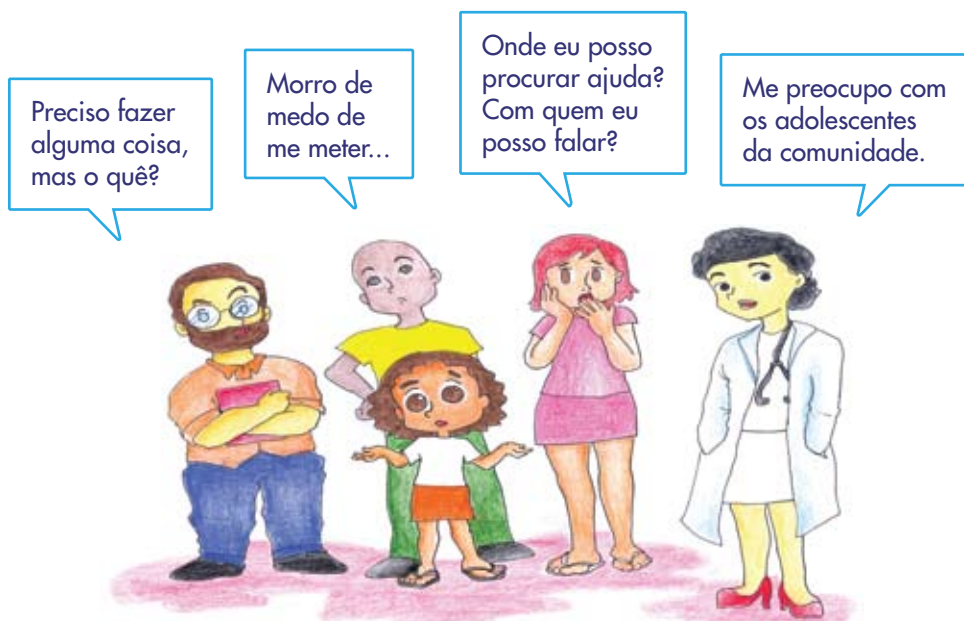
Manter-se em contato com sua rede social, cuidando para que esteja ativa, é fundamental para você se sentir acolhido, entendido, protegido, pertencente a um grupo. Sentir-se valorizado. Sua rede é importante para você, e você é importante para a rede de outras pessoas.



“Existe forte evidência de que uma rede social pessoal estável, sensível, ativa e confiável protege a pessoa contra doenças, atua como agente de ajuda e encaminhamento, afeta a pertinência e a rapidez da utilização de serviços de saúde, acelera os processos de cura e aumenta a sobrevivência, ou seja, é geradora de saúde.”²

² SLUZKI, Carlos E. A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

O que acontece com a rede social da pessoa que vive ou viveu situações de violência intrafamiliar?



Nas situações de violência, nos sentimos mais isolados de nossa rede social, perdendo o contato e o potencial de ajuda que ela poderia ter. A família, da mesma forma que a pessoa, tende a ficar isolada. Sabemos que, muitas vezes, isolamento e violência andam perigosamente de mãos dadas.

É importante reativar os contatos e construir novos nessas situações. Quem está fora pode “lançar cordas” e quem está dentro, encontrar meios de sair.

A rede ativada que pode ajudar a família a conter a situação de violência pode ajudar o autor ou a autora da agressão a se controlar e a encontrar outras alternativas para se relacionar, bem como outras alternativas para a sua vida – oportunidade de trabalho, lazer, educação, convívio etc.



SUGESTÃO

Quanto mais conectada com sua rede social, mais recursos a pessoa terá para sair do contexto de violência.

POSSO AJUDAR...



Vizinhos, amigos, familiares, parentes, escolas, igrejas, clubes etc. formam a rede pessoal e comunitária de uma pessoa. Além dessas redes, uma família que vive em situação de violência pode contar também com uma rede de serviços e com a rede da justiça.

As redes pessoal e comunitária, as redes de serviços e de justiça formam, juntas, o que podemos chamar de uma rede de prevenção e proteção a famílias em situação de violência intrafamiliar e de gênero.

REDE DAS FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR

FAMILIAR		COMUNITÁRIA	
· Parentes	· Família	· Igreja	· Escola
		· Vizinhos	· Trabalho
		· Amigos	
· Juiz	· Operadores do direito	· Centro de defesa	· Unidade de saúde
· Policial		· Conselhos tutelares	· Centros de assistência social
· Legislador			
JUSTIÇA		ATENÇÃO OU SERVIÇOS	

Cada integrante dessa rede pode ser a porta de entrada de uma pessoa ou família para os serviços de prevenção e atenção à violência intrafamiliar e de gênero.

É importante conhecer as instituições e as suas formas de atuação, para que as pessoas não deixem de usar os serviços que estejam precisando e que são direitos conquistados pela população.



SUGESTÃO

Você conhece as instituições que atuam nas diferentes situações de violência intrafamiliar? Que tal reunir pessoas para pensar junto nos recursos que existem na comunidade e naqueles que se pode buscar fora dela?

POSSO AJUDAR!!!

No final desta cartilha, você encontrará algumas informações sobre esses serviços. Procure saber, na sua cidade, onde essas informações podem ser encontradas. Divulgue as informações que conseguir nas escolas, postos de saúde, igrejas e outros espaços da sua comunidade através de campanhas, murais, filipetas, encontros e todas as formas que a sua criatividade inventar.

Ninguém mete a colher?



COMO AJUDAR VÍTIMAS DE UMA SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR?



É importante procurar perceber e atuar com cada pessoa envolvida na situação de agressão. Buscar caminhos de aproximação, buscar compreender, “lançar cordas”, articular-se em rede, buscar ajuda.

Que cuidados ter com quem foi autor(a) da agressão?

O que pode levar uma pessoa a se descontrolar e agredir alguém?

Vivemos todos numa cultura que reforça variados tipos de violência. Elas são baseadas em ideias tais como a de que as mulheres são propriedade dos homens; os filhos, propriedade dos pais; os mais fracos, propriedade dos mais fortes, e de que tudo deve ser feito para manter essa ordem.

Embora não sejam causa da violência, muitos fatores podem contribuir para agravar o comportamento agressivo, como o cansaço, o desemprego, o abuso de bebidas alcoólicas, o isolamento e sofrer humilhações. Esse isolamento pode ser pessoal – sentir-se sozinho, não se sentir escutado, ter dificuldade de se fazer compreender e não falar do que o incomoda – ou da família, quando ela se retrai por achar que seu problema não tem solução ou que só ela vive esse problema.





Estudos apontam que cerca de 72% dos autores de agressão sofreram ou presenciaram situações de violência na infância em suas famílias, o que indica que essas vivências também podem influenciar na forma violenta de resolver conflitos. Mas é importante ressaltar que nem todos que foram vítimas ou testemunhas de violência na infância reproduzem esse comportamento violento quando adultos.

O que pode ajudar a pessoa a se controlar e não agredir?

- Perceber as situações que incomodam e trazem irritação.
- Perceber se essas situações estão se repetindo e se acumulando (como o lixo na porta da casa).
- Sempre tentar falar das situações que incomodam com quem está envolvido com o problema, com os amigos, com a família... Ter uma rede de pessoas com quem conversar. Não se isolar.
- Buscar ter conversas que possam ajudar a resolver os problemas.



Reserve um tempo para se divertir e relaxar de forma saudável.





Que atitudes já ajudaram você a diminuir a tensão do dia a dia e a resolver os problemas?
Que outros cuidados poderiam ajudar uma pessoa que não está conseguindo se controlar?

Que cuidados ter com quem sofreu agressão?

A pessoa que sofreu agressão pode apresentar sentimentos muito diversos, tais como vergonha, medo, humilhação, tristeza, raiva e preocupação em proteger seus próprios familiares. As marcas físicas podem, por vezes, facilitar o contato com o outro, mas também dificultar e isolar a pessoa ainda mais.

Que cuidados ter ao tentar se aproximar de uma pessoa com sentimentos assim, na maioria das vezes confusos e misturados?

- Aproximar-se acompanhado de alguém da confiança e do círculo de intimidade do agredido pode ajudar ou não. (Cuidado!!! Há familiares que aceitam, encobrem ou negam a situação. É preciso preparar com cuidado esse contato, conversando antes com a pessoa escolhida sobre as formas de enfrentar o problema.)
- Dar acolhimento, atenção na escuta, oferecer informações sobre cuidados físicos, emocionais e jurídicos e sobre onde obter ajuda.
- Tentar ouvir sem tomar partido ou manifestar opiniões críticas ou acusatórias.

Que cuidados ter com quem presencia a agressão?

As crianças que presenciam atos de violência podem ter medo de falar, ter seu desenvolvimento prejudicado, estar sempre assustadas, isoladas, se sentindo culpadas, desmotivadas, com raiva, agressivas, ter poucos amigos...

Como ajudar?

- Tentar tirar essa pessoa do isolamento (alguém que sai pouco de casa, fala pouco).
- Propor a participação em alguma atividade (um curso, um grupo artístico, esportivo, religioso).
- Procurar estabelecer uma relação de confiança, ouvindo a pessoa sem pré-julgamento, sem questionamentos, críticas ou cobranças. Essas atitudes podem fazer com que a pessoa se sinta mais culpada, se feche, não consiga escutar, acolher e participar de qualquer tipo de ajuda.
- Encaminhar para atendimento psicológico especializado.

Que cuidados ter consigo mesmo ao interagir com famílias em situação de violência? Estou preparado para escutar, acolher?

- Eu me sinto tranquilo para tomar conhecimento sobre esse assunto? Se não estou, como poderia me preparar?
- Tenho com quem trocar informações de ajuda, encaminhamentos e também minhas sensações? Conheço alguém que tenha mais experiência em lidar com essa questão?
- Se não me sinto confortável para me aproximar e oferecer ajuda, quem eu poderia procurar para isso?

Como ajudar?

- Você pode ajudar oferecendo-se para escutar, para acolher, sem julgamentos, acusações ou críticas a qualquer uma das pessoas envolvidas, seja ela a pessoa que agrediu, que foi agredida ou que assistiu/presenciou.
- Esse tema costuma nos mobilizar bastante e é importante lembrar que nesse contexto todos sofrem.
- Cada uma das pessoas precisa ter a possibilidade de expressar seus pontos de vista e seus sentimentos. Procure ouvir, se puder, ou busque ajuda especializada.

Tentar compreender o que acontece (o processo) é importante para:

- Conhecer os diversos lados e pontos de vista das pessoas envolvidas na situação.
- Prevenir o ato e a sua repetição.
- Criar alternativas não violentas de relação.



CAMPANHAS RELACIONADAS



NÃO BATA, EDUQUE

No Brasil, se promove uma campanha em favor dos direitos das crianças e dos adolescentes e pelo fim da utilização dos castigos corporais e degradantes por parte dos pais, responsáveis ou educadores. É a campanha **Não Bata, Eduque**. A ideia é ampliar as possibilidades de educar e disciplinar as crianças, sem que se precise apelar para a palmada, a chinelada, os beliscões ou mesmo xingar as crianças ou os adolescentes. Para saber mais sobre essa campanha, acesse o site www.naobataeduque.org.br.

LAÇO BRANCO

No Brasil, assim como em outros países do mundo, é promovida uma campanha dirigida aos homens para que se mobilizem pelo fim da violência contra as mulheres. É a Campanha do Laço Branco. A ideia é que os homens adotem outras maneiras de resolver conflitos em substituição à violência, percebam que não devem se calar diante de outro homem que esteja cometendo violência, pois o silêncio é cúmplice da violência, e participem como aliados das iniciativas para eliminar a violência contra as mulheres. Para mais informações sobre esta campanha, acesse o site www.lacobranco.org.br.

Hoje sabemos que muitas crenças e ideias presentes em nossa cultura alimentam a violência intrafamiliar, sendo repetidas e, assim, mantidas não só pelos autores da agressão, mas também por aqueles que sofrem a violência, que a testemunham e mesmo aqueles que desejam ajudar.

TELEFONES ÚTEIS



TELEFONES NACIONAIS DE LIGAÇÃO GRATUITA

Ambulância	192
Bombeiros	193
Central de Atendimento à Mulher (Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres)	180
Disque DST/AIDS	0800 162 550
Disque Saúde	0800 611 997
Disque Denúncia Nacional de Combate à Violência e ao Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes (Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República)	100
Polícia	190
Viva Voz Disque Informação ao Dependente Químico	0800 510 0015

PROCURE ESTES TELEFONES EM SUA CIDADE

Centro de Valorização da Vida

Centro Integrado de Atendimento à Mulher – CIAM

Crianças Desaparecidas

Defensoria Pública

Delegacia da Mulher

Delegacia do Idoso

Disque Denúncia

Disque Idoso

SOS Cidadão

É possível ter acesso, pela internet, aos serviços mapeados pela Pesquisa de Mapeamento da Rede de Atenção à Violência Intrafamiliar no Município do Rio de Janeiro e à Pesquisa Nacional com os Disques Especializados de Alcance Social e de Utilidade Pública, ambas realizadas pelo Instituto Noos, através do site www.noos.org.br.

